

Saudades de casa: relatos de um pracinha brasileiro durante a segunda guerra mundial

Heglisson Geraldo Testa*
Leandro Pereira Gonçalves**

RESUMO

O objetivo desse trabalho é relatar o cotidiano de um pracinha brasileiro e de sua noiva durante a Segunda Guerra Mundial, através de cartas escritas durante o período em que o Brasil participou do grande conflito. Por elas serão feitas análises relacionadas à saudade de casa, dos parentes, dos amigos e, principalmente, a saudade que todos sentiam e que atormentava as suas almas, graças à incerteza da volta, durante o longo período em que o pracinha permaneceu na Europa, o medo do esquecimento das companheiras, o temor causado pela guerra. Também será abordado o conflito de uma forma geral e a efetiva participação do Brasil, assim como a importância da Força Expedicionária Brasileira no contexto histórico do maior conflito da história contemporânea. O descaso ao “febianos” que bravamente lutou no combate ao nazi-fascismo nos Alpes italianos também será analisado.

Palavras-chave: Cartas. FEB. Segunda Guerra Mundial.

ABSTRACT

This paper aims to report the daily life of a Brazilian soldier and his wife during the Second World War, through letters that were written in the period in which Brazil participated of the conflict. Through these letters, it will be made analyses linked to their homesickness, the long period that the soldier remained in Europe, the uncertainty about the return and the fear of be forgotten inside the war. It will be also detached the conflict in a general way

* Graduado em História pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora(CES/JF).

** Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) com estágio (Junior Visiting Fellow) no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-UL). Mestrado em Literatura pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES-JF). Especialista em História do Brasil pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Bacharel em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Licenciado em História pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES-JF).

and the role of Brazil in it, like the importance of the Expeditionary Brazilian Force in the historical context of the biggest conflict of the contemporary history. The disregard for the soldier who fought against the nazi-fascism forces in the italians mountains will be analysead as well.

Key-words: Letters. FEB. Second World War.

INTRODUÇÃO

No ano de 1939, teve início o maior confronto da História da humanidade, a Segunda Guerra Mundial. A política, a economia e a ideologia marcaram a luta perdurará até o ano de 1945. Durante esse conflito de imensas proporções, o Brasil terá papel de destaque.

O Brasil participou da Segunda Guerra Mundial não por acaso. Para os Estados Unidos, ele era de suma importância para a sua estratégia de guerra, pois o território brasileiro era um ponto importantíssimo para os Aliados, composto por dezenas de países, liderados pelos EUA e URSS, assim como para o Eixo composto por Alemanha, Itália e Japão.

A participação do Brasil com o envio de homens para a Itália seria de grande ajuda no conflito, principalmente na região do Monte Castello em território italiano. Mesmo com todo despreparo e pouca eficiência dos soldados brasileiros, a participação na guerra foi importante no teatro de operações na Itália, com a vitória em vários combates como Massarosa, Montese e o mais importante, a tomada do Monte Castello.

DAS MENTALIDADES À MICRO-HISTÓRIA

Originária da Itália, a micro-história é um gênero da historiografia em grande evidência nos últimos tempos. Nas propostas apresentadas pelos historiadores italianos defensores dessa corrente historiográfica, para realizar uma pesquisa, o historiador deve optar por um episódio minúsculo, um estudo de caso dentro de um contexto histórico. A revista *Quaderni Storici* e a *Coleção Microstorie* proporcionam uma referência e modelos metodológicos (LEPETIT, 1998, p. 77).

No século XX, a historiografia ampliou o seu conceito de fonte histórica, assim como os tipos de documentação escritos que podem ser pesquisados. No século XIX, somente as fontes institucionais e diplomáticas poderiam ser trabalhadas em uma pesquisa. Hoje, os diversos textos podem ser trabalhados, até mesmo um diário ou ata de reunião, uma notícia de jornal, as propagandas de uma revista. Não há limites para o tipo de fonte que pode ser usada pelo historiador (BARROS, 2004, p. 134).

A revolução na interpretação de textos que a psicanálise, a semiótica

e as teorias da comunicação fizeram, beneficiou a história de hoje. É comum encontrar contradições em textos que poderão facilitar o que está sendo procurado. Nos detalhes mais insignificantes, muitas vezes, é encontrado o que se procura (BARROS, 2004, p. 140).

A micro-história encontra apoio no exame das rupturas, das incoerências e das incompreensões que surgem nos documentos. Carlo Ginzburg,¹ ao realizar uma leitura minuciosa de arquivos judiciais em que estão registradas as palavras dos inquisidores e de seus acusados, retrata o século XVI italiano e europeu. As pessoas envolvidas estão situadas de maneira bem exata na época em que agiram e falaram, exemplificando a forma de estudar a micro-história (BENSA, 1988, p. 48).

No centro de um trabalho microanalítico, encontra-se, efetivamente, o indivíduo. Sua centralidade, assim como a do contexto, é instrumental. O indivíduo é importante enquanto puder contribuir para uma interpretação e construção do real. Para o historiador Giovanni Levi, essa atividade é individual e ao mesmo tempo social. Individual porque analisa a particularidade de cada ator social. Social porque abrange o contexto histórico em que o ator estará inserido (GRIBAUDI, 1998, p. 131-132).

Enfim, ao fazer uma pesquisa, usando a micro-história, o profissional deverá examinar as fontes com uma sutileza e raciocínio de um investigador, de um expert, atento aos detalhes mais insignificantes, podendo usar a micro-historiografia e a macro-historiografia simultaneamente em uma mesma pesquisa, se a natureza do problema permitir. Essa teoria metodológica da História será usada nesse ensaio para contextualizar e enxergar pontos do cotidiano dos soldados brasileiros envolvidos na Segunda Guerra Mundial que deixaram as vidas no Brasil e foram em direção ao desconhecido.

O MUNDO EM GUERRA

A crise econômica mundial de 1929, com a queda da bolsa de Nova Iorque, ocasionou uma grande depressão no mercado internacional, refletida nos anos 30. O resultado foi uma maior intervenção política dos países desenvolvidos sobre os subdesenvolvidos. A crise possibilitou a ascensão do partido nazista na Alemanha como solução para superar a terrível depressão vivida no país, sendo indicado, em 1933, o seu líder, Adolf Hitler, como chanceler do Reich. Para que a Alemanha se transformasse em uma grande potência, era necessário conquistar grandes territórios para garantir a autonomia e independência econômica. Em longo prazo, esse espaço vital seria conquistado na União Soviética e na África subsaariana, como áreas

¹ Historiador e Antropólogo italiano, conhecido como um dos pioneiros no estudo da micro-história.

fornecedoras de matérias-primas. Mas a Alemanha precisava do mercado internacional para vender seus produtos manufaturados e comprar matérias-primas em curto prazo. A França e o Reino Unido aumentavam o controle sobre suas colônias e protetorados, dificultando as negociações fora do âmbito imperial. Outra dificuldade da Alemanha era a falta de divisas, que só poderia ser conseguida com a venda de seus bens industrializados, que estavam sujeitos a grandes restrições do protecionismo britânico e francês. A solução seria incrementar o comércio com países soberanos, exportadores de matérias-primas e compradores de produtos manufaturados. Na América do Sul, o Brasil se destacou como grande parceiro da Alemanha até 1939, quando a guerra no continente europeu interrompeu o comércio entre os dois países (ALVES, 2002, p. 46-50).

As grandes potências mundiais buscaram, na década de 30, uma proteção para a crise que assolava o mercado internacional. Foram impostas fortes barreiras tarifárias aos produtos estrangeiros e um maior controle sobre suas colônias. Os países industrializados também eram alvos importantes porque garantiam um mercado em potencial para assegurar um desenvolvimento futuro. A Grã-Bretanha tinha em suas mãos a hegemonia econômica, financeira e marítima. Com o protecionismo econômico, direcionou sua economia e comércio exterior para suas colônias e às regiões sob o seu domínio, protegendo o mercado de possíveis concorrentes (ALVES, 2002, p. 45-46).

No começo de 1938, Hitler convocou o Alto Comando Supremo das Forças Armadas, para comunicar os seus planos secretos de guerra. A primeira parte do plano era a anexação da Áustria. Pressionado, o chefe do governo austríaco, Schuschnigg, renunciou, dando lugar a um primeiro ministro com fortes tendências nazistas. Então, um plano começou a ser traçado para que os soldados alemães invadissem a Áustria. As manifestações e desordens que os nazistas austríacos promoviam serviram de motivos para o governo austríaco solicitar ajuda ao Führer na restauração da ordem, possibilitando a entrada, em março de 1938, dos tanques alemães nas ruas de Viena. Sem nenhuma resistência, a Áustria foi anexada ao III Reich (PEDRO, 1994, p. 13).

Os desejos expansionistas de Hitler continuavam de forma desenfreada, passando a exigir parte do território da Tchecoslováquia, um pequeno país industrializado do leste europeu, conhecido como Sudetos e habitado por povos de língua alemã. As pressões de Hitler passaram a ficar insuportáveis e o governo Tcheco pediu auxílio à França, país com o qual tinha um pacto de ajuda. Sentindo-se militarmente enfraquecida diante das forças alemãs e tendo como prioridade fortificar a sua fronteira com a Alemanha, os franceses nada fizeram para auxiliar a Tchecoslováquia. Enquanto a Inglaterra insistia em sua política de apaziguamento, Hitler aumentava sempre mais as

suas exigências (PEDRO, 1994, p. 14).

O imperialismo nazista continuava devastando tudo o que encontrava pela frente. Sua máquina de guerra deixava para trás cidades inteiras totalmente destruídas e nada era feito para impedir o avanço dos exércitos de Hitler. Os ataques relâmpagos dos nazistas deixavam seus inimigos paralisados, possibilitando uma dominação relativamente fácil por parte dos comandados de Hitler.

O governo dos EUA do Presidente Roosevelt, após a Conferência de Munique em 1938, tinha consciência de que uma guerra na Europa seria logo deflagrada e que a participação dos EUA seria inevitável. Em novembro de 1938, o presidente norte-americano retirou de Berlim o seu embaixador como forma de protesto pela violência, que ficou conhecida como “noite dos cristais”², imposta aos judeus pelos nazistas. A Alemanha revidou a afronta norte-americana, abalando as relações diplomáticas entre os dois países e os EUA iniciaram a sua preparação para uma eventual guerra. O crescimento da rivalidade entre EUA-Alemanha acabou transformando-se em guerra aberta entre os dois países. O governo brasileiro teve que sair da imparcialidade e definir o seu apoio ao bloco de poder norte-americano devido às pressões estadunidense (ALVES, 2002, p. 69 -74).

Em janeiro de 1942, realizou-se no Rio de Janeiro uma conferência em que compareceram chanceleres de 21 repúblicas americanas, quando foi assinado o Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (TIAR)³. Foi uma resposta ao ataque japonês à base americana no Havaí, em dezembro de 1941, que acabou motivando a entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial. Ao final da conferência, dezenove das vinte e uma repúblicas haviam declarado guerra ao Eixo em solidariedade a um mundo destruído pela guerra. Houve consenso de que a agressão cometida contra os Estados Unidos era uma ameaça e uma agressão aos países americanos. Na conferência, ficou decidida a ruptura diplomática, comercial e financeira com a Alemanha enquanto durasse a guerra (AQUINO, 1995, p. 181).

Nos meses de janeiro a maio de 1944, foi organizada a Força Expedicionária Brasileira (FEB), que tinha como símbolo “a cobra está fumando”, por não se acreditar que o Brasil poderia participar da Segunda Grande Guerra Mundial, comparando a impossibilidade da entrada de tropas brasileiras no conflito com a de uma cobra

² Nome popularmente dado aos atos de violência que ocorreram na noite de 9 de novembro de 1938 em diversos locais da Alemanha e da Áustria, então sob o domínio do Terceiro Reich.

³ TIAR: tratado de defesa mútua celebrado em 1947 na cidade do Rio de Janeiro entre diversos países americanos. O princípio central do acordo era um ataque contra um dos membros ser considerado um ataque contra todos, com base na chamada “doutrina da defesa hemisférica”. O TIAR entrou em vigor em 3 de dezembro de 1948, conforme o seu artigo 22.

fumando (AQUINO, 1995, p. 190). “A cobra fumando”, símbolo da FEB, foi originalmente desenhada por Walt Disney e mostrava uma cobra atirando com dois revólveres de grosso calibre como os cowboys do velho oeste americano. Essa versão menos belicosa e que se tornou oficial foi elaborada por um sargento brasileiro (TOTA, 2000, p. 160).

Em julho de 1944, a cobra fumou e a Força Expedicionária Brasileira, sob o comando do general João Batista Mascarenhas de Moraes, com 25.334 homens, partiu para o teatro de operações na Itália, para um confronto direto com os alemães. A Força Expedicionária Brasileira deu a sua contribuição no combate ao nazismo de agosto de 1944 a abril de 1945, apesar da oposição inglesa. A batalha mais importante foi a tomada de Monte Castello, em 21 de fevereiro de 1945 na região de Bolonha (VIGEVANI, 1986, p. 80-81).

CARTAS DE UM PRACINHA

Quando chegou a ordem para a formação da FEB em novembro de 1943, ficou determinado que a corporação de Juiz de Fora se juntaria com a de São João Del Rei, formando o 11º Regimento de Infantaria. O soldado Dorvilho Testa foi incorporado ao 11º RI sob o nº 3921, no III Batalhão de Infantaria, na Companhia de Metralhadora antiaérea.

Chegando a São João Del Rei, Dorvilho escreveu à sua namorada no dia 19 de janeiro de 1944⁴, dizendo estar bem e ter feito boa viagem, apesar de um pouco cansado, e que havia chegado às 20 horas e 30 minutos. Nas poucas linhas que escreveu, demonstrou a saudade de casa, dos amigos, da família e de sua namorada. Apesar de citar que se encontrava em meio a bons colegas, percebe-se que a solidão começava a incomodá-lo, mexendo com seu lado psicológico. Para amenizar esse incômodo de estar longe, ele se apegou a Deus, ao seu lado religioso, como forma de se conformar com a situação em que se encontrava diante de uma iminente partida para a guerra. Ao término da carta, mandou recomendações para a mãe e irmãos de Glória e disse que aguardava uma resposta relacionada ao andamento do namoro.

Em resposta à carta de Dorvilho, escrita no dia 19 de janeiro de 1944, Glória relatou estar bem, mas preocupada com um possível esquecimento por parte dele. Demonstrava-se feliz por ter recebido a carta e a possibilidade de uma visita por parte dele o mais breve possível, quando poderiam conversar melhor sobre o namoro. Caso não existisse a possibilidade de uma viagem até Juiz de Fora, que ele continuasse escrevendo. Nesse trecho da carta, percebe-se que ela também estava abalada psicologicamente com a insegurança e a

⁴ Todas as cartas foram consultadas no acervo da família Testa.

saudade que estava sentindo. A guerra começava a deixar a sua marca no interior das pessoas que estavam com ela diretamente envolvidas.

Com o passar do tempo, as correspondências escritas num estilo mais informal, com textos em que os sentimentos são colocados de uma maneira mais aberta, mais eloquente passaram a compensar a saudade e a distância.

No dia 17 de abril de 1944, Glória Nocelli escreveu dizendo estar feliz com uma carta que havia recebido no dia 10 de abril. Nessa carta, Glória fez alusão a um telegrama que a deixou desassossegada, não sendo possível sabermos o conteúdo dele. O estado emocional das pessoas que estavam diretamente envolvidas no conflito da Segunda Guerra Mundial se encontrava abalado e qualquer palavra mal colocada em uma correspondência poderia gerar um mal estar muito grande. Com a carta recebida no dia 10 de abril, havia se tranquilizado. A esperança de um retorno para casa com um possível desligamento do exército através de um pedido de baixa ajudava a acalantar os corações de ambos e de toda a família.

No dia 4 de maio de 1944, Dorvilho escreveu para Glória de forma carinhosa e comovente. Na carta deixou bem claro que a chegada a Juiz de Fora em suas visitas periódicas era muito boa, mas a hora de retornar para o Rio de Janeiro exigia sacrifício muito grande.

O seu estado emocional estava muito abalado e, através da carta, buscou amenizar a desagradável situação em que se encontrava, longe da família e da pessoa que no momento era a mais importante em sua vida, a namorada, em quem é depositado todo o seu carinho e apreço. Ele encerrou a carta negando a partida para a Europa, dizendo que não havia nenhuma referência à sua partida para a Itália e que ela não acreditasse em boatos, qualquer novidade ele mesmo lhe diria. Depois fez referência à sua baixa, a única novidade que ele esperava, e mandou recomendações para toda a família dela. Na última página, enviou um pensamento de amor e mais abaixo demonstrou como estava sendo difícil a situação em que se encontrava. Em uma pequena frase, ele relatou a perturbação mental “não repare os erros porque estou com a idéia muito perturbada sim?” (TESTA, 4 maio de 1944).⁵

No dia 7 de junho de 1944, Glória escreveu uma carta para Dorvilho na qual demonstrava estar feliz por ter recebido notícias de que ele se encontrava bem de saúde. As saudades, a sensação de perda e medo fragilizavam as pessoas que permaneceram no Brasil. A esperança de um retorno dos pracinhas a seus lares sem uma partida para a Europa era cada vez mais intensa. Nessa carta, Glória fez referência a mais um boato de possível partida dos pracinhas para a Itália que, segundo ela, deixou-a desesperada:

“Dorvilho a semana passada quase que fiquei louca aqui estava um boato forte que vocês já tinham seguido. Passei uns dias amargurados mas isto foi tudo mentira não é? (NOCELLI, 7 de jun de 1944).⁶ Nas linhas seguintes, demonstrou o seu sofrimento, a sua fragilidade e a pressão psicológica em que se encontrava ao dizer que, caso ele partisse, não saberia o que fazer e não suportaria receber a tão temida notícia e que morreria antes dele.

O apego às mínimas coisas trazia um pouco de conforto a esses personagens, como uma foto que Glória havia recebido de Dorvilho e que passou a fazer parte do seu cotidiano. Nesse período de treinamento no Rio de Janeiro, várias vezes, quando não conseguiam licença para visitar a família, muitos militares fugiam, correndo o risco de uma possível acusação de deserção, o que na época se tornaria um problema sério na vida de um militar. Mas o desespero era muito grande, a saudade e a angústia faziam os militares cometerem loucuras e, ao final da carta, Glória pediu a Dorvilho que antes de partir viesse a Juiz de Fora, fugido se preciso fosse. A partida para a Europa estava próxima e as esperanças de um retorno para casa estavam se esvaindo, aumentando o desespero das pessoas diretamente envolvidas.

Com o passar do tempo, a fragilidade foi aumentando e as perturbações emocionais foram se intensificando. Através das cartas, Dorvilho e Glória procuravam levar um pouco de conforto um para o outro. No dia 23 de junho de 1944, Glória em resposta a uma carta que recebera de Dorvilho reafirmou não tê-lo esquecido. Era comum extraviarem correspondências e duas cartas que ela havia escrito não chegaram a suas mãos, deixando-o apreensivo em relação a um possível esquecimento por parte dela. Em outra carta, Glória procurou confortar Dorvilho que havia mencionado estar aborrecido por ter de partir para a Itália e deixar a pátria e a família. Os dias foram passando, a saudade cada vez mais intensa aumentou a fragilidade dos pracinhas. Cientes de que a partida estava próxima, buscavam, através das cartas, o consolo familiar, as palavras de carinho que poderiam trazer um pouco de conforto espiritual.

Glória recebeu uma carta de Dorvilho, escrita no dia 27 de junho, na qual demonstrava um grau de desconforto muito grande. Ele estava muito abalado, as lembranças dos momentos felizes que passavam juntos vinham à sua mente, deixando-o ainda mais atordoado, pois sabia que não seria possível conseguir uma licença para visitá-la. Novamente o apego a Deus foi a forma encontrada para revigorar as esperanças. Dorvilho pediu a ela que rezasse e pedisse ao Criador que lhe proporcionasse felicidade na jornada por

⁵ Citação transcrita na íntegra sem qualquer alteração de sentido ou gramatical.

⁶ Citação transcrita na íntegra sem qualquer alteração de sentido ou gramatical.

vir. A partida para a Europa estava confirmada, acabando com uma pequena esperança de um retorno definitivo para casa. Na carta, Dorvilho (27 jun de 1944, p. 1,2).⁷ relatou seu inconformismo:

Glória agora sei que vou mesmo partir para a guerra não sei como é que vou fazer não posso mais aguentar este sofrimento é triste ver me longe de quem a gente ama sem saber quando irei encontrar-vos novamente isto a de ser muito breve se Deus quizer. Só quero querida... que nunca esqueça de mim só quando tiver a certeza que eu não mais isistir... (DORVILHO 27 jun de 1944, p. 1,2).⁸

Esse fragmento da carta mostra o abatimento que tomou conta de sua alma, como o seu estado psicológico se encontrava fragilizado, demonstrando o inconformismo de se encontrar em uma situação à qual foi forçado pela conjuntura política e econômica. Uma declaração de guerra, cujo objetivo era o expansionismo territorial de forma direta ou indireta por parte dos líderes de nações que tinham como finalidade a hegemonia econômica.

Dorvilho, antes de partir, enviou uma carta à Dona Virginia, mãe de Glória Nocelli, pedindo permissão para ficarem noivos. Essa manifestação por parte de Dorvilho reafirmou o afeto e carinho que sentia por Glória e demonstrou, como ele afirmou na carta, as suas boas intenções:

Embora seja eu um militar e ainda estar distante do lar e creio mesmo que não poderia tomar compromissos sérios acerca de meu futuro, porem tenho boas tenções com vossa filha e no entanto dirijo-me a senhora por carta pois ir ai não posso pois não me dão permissão (TESTA, 18 set de 1944, p. 2).⁹

No passado, o noivado significava comprometimento, um maior respeito entre os noivos. Esse compromisso trazia uma maior segurança para ambos, era uma forma de assegurar a espera do retorno.

As alianças seriam compradas pela família dele que o representaria perante a família de Glória, e o noivado seria realizado com a entrega da aliança. Depois, enviariam a aliança dele para o Rio de Janeiro para que ele pudesse colocá-la em seu dedo, selando o compromisso.

As cartas passavam por uma inspeção no setor de censura da FEB antes de chegar ao seu destinatário. Como todas as outras, uma carta enviada por

⁷ Citação transcrita na íntegra sem qualquer alteração de sentido ou gramatical.

⁸ Citação transcrita na íntegra sem qualquer alteração de sentido ou gramatical.

⁹ Citação transcrita na íntegra sem qualquer alteração de sentido ou gramatical.

Dorvilho no dia 14 de outubro de 1944 foi inspecionada pelo 1º Tenente JG Carvalho antes de chegar às mãos de sua noiva Glória. A censura era efetuada como prevenção a qualquer relato que pudesse deixar tanto os pracinhas como seus familiares mais preocupados, preservando a integridade moral, evitando aumentar a amargura que já tomava conta de seus corações. Uma outra razão era o fato de o inimigo interceptar uma correspondência que poderia conter informações sigilosas que os beneficiasse de alguma forma.

Por ocasião da carta escrita no dia 14 de outubro, Dorvilho já se encontrava na Itália e demonstrava certa preocupação pela falta de notícia de Glória. Ele teria enviado duas cartas quando ainda estava no Rio de Janeiro e uma assim que chegou à Europa, sem obter uma resposta. Isto o deixou preocupado em relação a um possível esquecimento por parte de sua noiva. Pediu então que ela mandasse notícia o mais breve possível e em poucas linhas demonstrou a sua fragilidade psicológica, ao dizer que, se ela o havia esquecido, era compreensivo, pois ele se encontrava muito longe. Terminou a carta enviando muitas recomendações para sua futura sogra e a todos de sua família (TESTA, 14 out. 1944).

Numa carta enviada no dia 17 de novembro, Dorvilho demonstrou a tristeza pela ausência da noiva, de sua família e de seus amigos. Durante um bom período ficou sem receber carta de Glória e esse silêncio o estava deixando inquieto, pois pensava na possibilidade de um esquecimento por parte da noiva. Ao reafirmar os seus sentimentos em relação a ela, demonstrava uma insegurança quanto à possibilidade de um esquecimento. Dorvilho fez referência a um bilhete que recebeu enviado por Glória junto a uma carta recebida pelo primo de sua noiva, José Nocelli, que também havia partido para a Itália junto com Dorvilho. Nesse bilhete, Glória falava das várias cartas que havia escrito sem obter resposta, e que não escreveria mais se Dorvilho parasse de escrever para ela (TESTA, 17 nov. de 1944, 2 p.).

As cartas impedidas de chegar ao seu destino pela censura da FEB ou até mesmo extraviadas levavam as pessoas a imaginar coisas que na verdade não estavam acontecendo, como, por exemplo, o esquecimento por parte da família, da esposa, de uma noiva ou até mesmo a morte do pracinha, deixando todos no Brasil apreensivos e aumentando o sofrimento que já não era pouco.

A batalha de Monte Castello foi o feito mais importante da história contemporânea do Exército Brasileiro. As polêmicas e críticas de militares participantes, quanto à condução da operação, relacionadas à má preparação e erros de comando, não devem desconsiderar a relevância da tomada pelos brasileiros do Monte Castello, que possibilitou o avanço dos aliados rumo ao norte da Itália. A região era para os alemães um ponto estratégico em

solo italiano. Vários ataques realizados por brasileiros e norte-americanos foram frustrados antes que a FEB o dominasse. Durante a guerra, Castello transformou-se em um desafio para os aliados. A região italiana se transformou, segundo Waack, no símbolo da capacidade da máquina militar nazista e um desafio à bravura e à perícia do militar brasileiro.

A montanha parecia inatingível, com perdas de soldados brasileiros, muitas vezes, por culpa de seus superiores. De novembro de 1944 a fevereiro 1945, eles enfrentaram temperaturas baixíssimas e condições totalmente desconhecidas. Chegaram à Itália sem experiência, mas, no final, a bandeira brasileira foi fincada no alto da montanha maldita (WAACK, 1985, p. 88-89).

Após dezoito dias de luta incessante, entre os dias 14 e 30 de abril, a 148ª DI Alemã e as Divisões Itália e Monte Rosa se renderam, com a FEB assumindo o controle de Montese, outra importante conquista dos brasileiros, que prenderam 16.000 alemães. Em quinze dias, a FEB percorreu mais de quatrocentos quilômetros, libertando mais de sessenta cidades e vilas da terra italiana. Foram feitos cerca de 21.000 prisioneiros, dentre os quais uma divisão alemã inteira, os destroços de três divisões italianas e, de quebra, dois Generais se renderam aos brasileiros (BRAYNER, 1968, p. 503).

No dia 8 de maio de 1945, a guerra chegou ao seu fim. Dorvilho escreveu para Glória sem saber que o seu retorno estava muito próximo. Os vários meses em que ficou longe do Brasil pareciam não terminar. A certeza de um retorno breve amenizava um pouco as saudades da família e da noiva. Na carta, ele falou da sua infelicidade e que só voltaria a ser feliz no dia de seu retorno ao Brasil para juntos reviverem os momentos felizes que passaram antes da sua partida para a Europa (TESTA, 08 mai de 1945, p. 1).

Quando os primeiros pracinhas desembarcaram no Brasil, um aviso ministerial ecoou em seus ouvidos como uma bomba. Aos pracinhas foi proibido o uso dos uniformes da FEB, assim como o distintivo da “Cobra fumando” ou qualquer coisa que fizesse menção ao “febiano”. Foi proibido também qualquer comentário nos lares, praças, esquinas ou emissoras de rádio sobre as operações ou proezas realizadas na Itália (BRAYNER, 1968, p. 520).

A participação da FEB naquele país colaborou para as vitórias dos aliados em Monte Castello, Castelnuovo, Collechio, além das localidades de Montese, Zocca, Monte Prano, Camaiole, onde os brasileiros atuaram diretamente nas batalhas no combate ao nazismo de Hitler. As cidades de Pisa, Pistoia e Florença foram localidades de base e preparação para os confrontos. Os 454 soldados brasileiros que morreram no conflito foram enterrados na cidade italiana de Pistoia. Após o término da guerra, em maio de 1945, os combatentes brasileiros retornaram ao país, com o primeiro escalão da FEB,

chegando ao Rio de Janeiro em 18 de julho de 1945 (AQUINO, 1995, p. 192).

Enquanto aguardava o retorno para o Brasil, Dorvilho escreveu para a noiva no dia 31 de maio, demonstrando a sua felicidade ao saber que as irmãs dele lhe haviam feito uma visita e que passaram todo o dia juntas. Fazendo menção quanto ao término da guerra, disse estar folgado, aguardando a volta ao Brasil e, apesar da grande saudade que sentia, estava mais conformado, pois sabia sobre o retorno próximo e aguardava com ansiedade os momentos de felicidades que passariam juntos (TESTA, 31 mai de 1945, p. 3). Dorvilho desembarcou no Rio de Janeiro no dia 19 de setembro de 1945, quando, junto com todo o efetivo da FEB, foi recebido com a maior manifestação popular da História da cidade do Rio de Janeiro.

O envolvimento direto do Brasil lutando contra as forças nazi-fascistas na Europa quase não é mencionado nos livros escolares de História do Brasil e, quando fazem alguma referência, é relacionado a estratégias e implicações políticas da guerra. Os personagens citados são os líderes militares e civis, não se fazendo nenhuma referência ao simples soldado que esteve frente a frente com os nazistas, em lutas sangrentas, debaixo de um frio intenso e envolto em lama e neve nas montanhas dos Apeninos italianos.

A guerra deixou marcas profundas na alma dos pracinhas brasileiros. Durante as suas vidas, eles carregaram consigo os momentos de apreensões e temores que passaram durante o período do conflito. A “neurose de guerra” foi uma das maiores sequelas que os pracinhas brasileiros herdaram da maior guerra da história da humanidade.

Mas o que mais marcou a vida desses bravos homens foi o descaso, o não reconhecimento pelo sacrifício e o patriotismo demonstrado por eles nessa tão difícil jornada de contribuir no combate ao nazi-fascismo na Segunda Guerra Mundial.

Artigo recebido em: 14/8/2009

Artigo aceito para publicação em: 16/11/2009

REFERÊNCIAS

- ALVES, Vagner Camilo. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**: história de um envolvimento forçado. Rio de Janeiro: Editora PUC-RJ, 2002.
- AQUINO, Maria Aparecida de. A América vai à guerra. In: COGGIOLA, Osvaldo. **Segunda Guerra Mundial**: um balanço histórico. São Paulo: EDUNESP, 1995.
- BARROS, José D'Assunção. **O campo da história**: especialidades e abordagens. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BENSA, Alban. Da micro-história a uma antropologia crítica. In: REVEL, Jacques. **Jogos de escalas**: a experiência da micro-análise. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- BRAYNER, Mal. Floriano de Lima. **A verdade sobre a FEB**: memórias de um chefe de Estado-Maior na campanha da Itália. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- GRIBAUDI, Maurizio. Escala, pertinência, configuração. In: REVEL, Jacques. **Jogos de escala**: a experiência da micro-análise. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- LEPETIT, Bernard. Sobre a escala na história. In: REVEL, Jacques. **Jogos de escala**: a experiência da micro-análise. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- NOCELLI, Glória. **Correspondência a Dorvilho Testa. 17 abr. 1944**. Juiz de Fora. 4 p. Pede notícias sobre a partida para Europa e permissão para ir a uma festa.
- _____. **Correspondência a Dorvilho Testa. 7 jun. de 1944**. Juiz de Fora. 4 p. Revela estar feliz por ele por ele estar bem de saúde e comenta sobre novo boato da partida dos pracinhas para a Europa.
- _____. **Correspondência a Dorvilho Testa. 23 de jun. de 1944**. Juiz de Fora. 4 p .. Na carta procura confortar o namorado.
- PEDRO, Antônio. **A Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Atual, 1994.

TESTA, Dorvilho. **Correspondência a Glória Nocelli. 19 jan. 1944.** São João Del Rei. 4 p. Comunica que fez boa viagem e que está bem, apesar do desgaste da viagem.

_____. **Correspondência a Glória Nocelli. 4 de maio de 1944.** Rio de Janeiro. 4 p. Reafirma o seu amor, nega o boato da partida para a Europa e faz referência a sonhada baixa do exército.

_____. **Correspondência a Glória Nocelli. 27 jun. de 1944.** Rio de Janeiro, 4 p. Relata toda a sua tristeza por estar distante e próximo de partir para a Itália.

_____. **Correspondência a Dona Virginia. 18 set. de 1944.** Rio de Janeiro. 4 p. Pede permissão para ficar noivo de Glória Nocelli.

_____. **Correspondência a Glória Nocelli. 14 out. 1944.** Itália 1 p. Fala da saudade e da falta de notícias.

_____. **Correspondência a Glória Nocelli. 17 nov. de 1944.** Itália 2 p. Pede notícias e reafirma os seus sentimentos.

TESTA, Dorvilho. **Correspondência a Glória Nocelli. 8 maio de 1945.** Itália. 2 p. Envia notícias, fala das saudades e procura motivá-la dizendo que o retorno será breve.

_____. **Correspondência a Glória Nocelli. Itália. 31 maio de 1945.** Itália p. 3. Fala do fim da sua pesada jornada e o breve retorno.

TOTA, Antônio Pedro. **O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra Mundial.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VIGEVANI, Tullo. **A Segunda Guerra Mundial.** São Paulo: Moderna, 1986.

WAACK, William. **As duas faces da glória: a FEB vista pelos seus aliados e inimigos.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.